

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

ROSEMEIRE PARREIRA DA MATA FIATKOSKI

ANÁPOLIS-GO  
2010

ROSEMEIRE PARREIRA DA MATA FIATKOSKI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

**Estudo de Caso apresentado à  
coordenação da Faculdade Católica de  
Anápolis para obtenção do título de  
Especialista em Psicopedagogia Clínica  
e Institucional.**

ANÁPOLIS-GO  
2010

ROSEMEIRE PARREIRA DA MATA FIATKOSKI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 25 de Outubro de 2010.

APROVADA EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_  
BANCA EXAMINADORA

NOTA: \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Sueli de Paula  
Orientadora

---

Ms. Maria Inácia Lopes  
Convidada

---

Ms. Antônio Fernandes dos Anjos  
Convidado

## **DEDICATÓRIA**

À minha filha Michelle, ao meu namorado Elcimar e à minha mãe que muito me ajudaram durante a elaboração deste TCC.

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	1
1.2. PSICOPEDAGOGIA.....	2
2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO.....	3
2.1. Instrumentos Utilizados.....	4
2.1.1. Entrevista com os Pais.....	4
2.1.2. Primeira Entrevista com o Cliente.....	5
2.1.3. Entrevista com o Professor.....	5
2.1.4. Atividades Lúdicas.....	5
2.1.5. Provas Operatórias .....	6
2.1.6. Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	6
2.1.6.1. Par Educativo.....	7
2.1.6.2. Família Educativa.....	7
2.1.6.3. Eu e Meus Companheiros.....	8
2.1.7. Provas Pedagógicas.....	8
2.1.8. Hora do Jogo.....	9
2.1.9. Observação dos Materiais Escolares.....	9
2.1.10. Jogo de Regra.....	10
3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	11
3.1. Anamnese.....	11
3.2. Primeira Entrevista Com O Cliente.....	12
3.3. Entrevista Com O Professor.....	14
3.4. Atividades Lúdicas.....	14
3.5. Provas De Diagnósticos Operatório.....	15
3.6. Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	16
3.6.1. Par Educativo.....	16
3.6.2. Família Educativa.....	17
3.6.3. Eu e Meus Companheiros.....	17
3.7. Provas Pedagógicas.....	18
3.7.1. Prova de Língua Portuguesa.....	18
3.7.2. Prova de Matemática.....	19
3.8. Hora do Jogo.....	19
3.9. Observação dos Materiais Escolares.....	20
3.10. Jogo de Regra.....	21
4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA.....	22
5. SUGESTÕES.....	25
6. CONCLUSÃO.....	26
7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	27
8. ANEXOS.....	30

# 1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório tem como objetivo apresentar informações e resultados obtidos através de um estudo de caso, a partir, de um diagnóstico psicopedagógico.

Também se objetiva ressaltar a contribuição de suma importância da psicopedagogia no descobrir as possibilidades de aprendizagem que envolve o sujeito nos problemas que podem impossibilitá-lo de aprender da forma esperada.

Para se desenvolver este relatório, foram consultados vários autores como: Fernández, Visca, Weiss, entre outros, que contribuíram de forma esclarecedora em relação aos possíveis problemas apresentados pela criança.

Possibilitando assim, o entendimento do funcionamento humano de ordem física, cognitiva, emocional e familiar.

Os dados aqui relacionados apontam para uma observação do sujeito aprendente e também do sujeito ensinante, levando em consideração as instituições familiares e educacionais nas quais este sujeito se encontra inserido.

Sabe-se que a psicopedagogia institucional também é importante no processo de investigação dos problemas de aprendizagem. Que problemas relacionadas com o âmbito escolar, podem afetar diretamente o desempenho do aluno.

Porém, este relatório terá como referência a psicopedagogia clínica, que se ocupará da observação do sujeito e dos problemas que podem estar impedindo o processo de assimilação pelo o mesmo. Serão descritos aqui, os passos dados desde a primeira entrevista, até o encaminhamento. Dando importância, não apenas para os relatos dos entrevistados, mas também, à impressão que se teve no momento da realização desses encontros. Pretende-se com este estudo de caso, investigar as possíveis causas desse “não aprender” e pensar novas estratégias que possa auxiliar nesse processo de construção do conhecimento.

Durante o período, de Junho a Agosto, foram realizadas 10 sessões de atendimento psicopedagógico clínico. A criança atendida, tem 7 anos, é do sexo feminino e, é estudante da segunda série do ensino fundamental de uma escola municipal. O nome da estudante será citado, sempre usando as iniciais L.C. Os atendimentos partiram da queixa familiar e escolar de problemas de aprendizagem.

## 1.2 PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia é uma área de estudos que articula questões do pensamento e da percepção da relação de como o sujeito aprende. Facilita por intermédio do sentido (ouvir, observar, sentir, etc.) A compreensão subjetiva das “teias” em que esse sujeito está inserido e como esse mesmo sujeito se relaciona com este meio.

O surgimento da psicopedagogia deu-se nos primeiros centros de estudo, na Europa em 1964.” Estes centros uniam conhecimentos das áreas de Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, onde tentavam readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados na escola ou no lar e a atender crianças com dificuldades de aprendizagem”. (BOSSA 1993, p.40).

A psicopedagogia se divide em duas áreas: clínica e institucional.

A psicopedagogia está ligada à área institucional que busca diminuir o fracasso escolar, assegurando aos pais, professores, diretores etc., para que juntos possam elaborar um plano de ação integrado com vistas a elucidar os motivadores do fracasso. O psicopedagogo também trabalha na área da saúde, atendendo em consultórios, instituições de saúde, hospitais públicos e privados. Sua função é reconhecer e atuar sobre as alterações na aprendizagem, utilizando-se de diagnósticos, testes, para melhor conhecer o paciente e sua problemática.

Entender como se aprende, como essa aprendizagem varia e está condicionada por vários fatores e como se produz e se desenvolvem as alterações na aprendizagem, aprendendo assim a reconhecer, tratar e prevenir estas agravantes.

Segundo Rubinstein(1992, p.103),” compreendemos melhor ainda a Psicopedagogia quando ele fala: A partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente:a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o principal objetivo é a investigação de etiologia de dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processo da aprendizagem considerando todas as variáveis que intervêm neste processo.”

## 2 - DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

O diagnóstico psicopedagógico clínico é uma investigação, uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família ou da escola, do aprender com dificuldade ou lentamente, do fugir situações de possível aprendizagem.

Nessa investigação pretende-se uma compreensão global de sua forma de aprender dos obstáculos que estão ocorrendo nesse processo. É uma alimentação mútua entre prática e teoria. O diagnóstico possibilitará ao terapeuta levantar, sempre hipóteses provisórias que irão sendo confirmadas ou não, ao longo do processo. As hipóteses são questões que vem a nossa mente, sempre que iniciamos uma nova história.

O sintoma está sempre mostrando algo, com o sintoma o sujeito sempre diz alguma coisa aos outros, se comunica sempre que se pode dizer algo. PAÍN(1985), considera o problema de aprendizagem no sentido que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos nos quais se detecta como sinal de descompensação.

Assim, o problema manifestado pelo aluno numa determinada escola, turma ou em relação a um determinado professor, pode não se manifestar de forma clara ou em outro contexto escolar.

É preciso clareza do terapeuta na busca desses parâmetros que vão definir a qualidade e a quantidade do desvio e sua importância no desenvolvimento da escolaridade.

Depois de se ter a clareza dos possíveis motivos do não aprender ,é possível traçar os rumos a serem seguidos no diagnóstico. Alguns parâmetros são facilmente identificados como: formação cultural, classe sócio-econômica, idade cronológica e exigência familiar.

Segundo Cunha (1997), em Psicopedagogia diagnosticar significa investigar, pesquisar, perguntar, evidenciar e especificar.

## **2.1 - INSTRUMENTOS UTILIZADOS:**

Foram utilizados vários instrumentos, como: entrevistas com a professora, com a mãe da aluna e com a aluna. Também foram aplicadas as técnicas projetivas psicopedagógica através do Par educativo, Família Educativa e Eu e meus companheiros. E ainda,

O uso das provas pedagógicas de língua portuguesa e matemática, provas operatórias, atividades lúdicas, incluindo a hora do jogo, jogo dos sete erros, colagem, dobradura, jogos de regra: pega-varetas e dominó e por fim, a observação do material escolar.

### **Entrevista**

“A entrevista é um encontro de falas sobre assuntos ou negócios”. Neste caso, seria o encontro do psicopedagogo com o seu cliente, pai/ e ou responsável da criança ou professor, onde se estabelece um diálogo sobre o “motivo manifesto” ou “sintoma” a primeira pergunta da entrevista inicial proposta por ARZENO(1995).

O objetivo central de uma entrevista é de estabelecer um bom *rapport* que significa receptividade ao que o outro esta dizendo, não necessariamente que você concorde com o que esta sendo dito. Tentando compreender o sintoma nas dimensões escolar e familiar, conforme diz Weiss(2003).

As entrevistas podem ser abertas ou fechadas. Dirigidas de acordo com a necessidade da mesma.

### **2.1.1 - ENTREVISTA COM PAIS E/OU RESPONSÁVEL**

O objetivo central de uma entrevista é tentar compreender o sintoma/problema na dimensão familiar tentando captar as expectativas familiares direcionadas na aprendizagem escolar e reafirmando o contrato diagnóstico a nível familiar conforme orienta Weiss (2003).

Segundo Paín(1985), na entrevista com os pais se obtêm dados da vida do cliente, de como a família espera o tratamento, a fantasia que fazem do mesmo e dos seus resultados.

A modalidade de conversação é observada também tentando perceber o nível de comunicação utilizado no triângulo pai-mãe-filho.

São observados os seguintes aspectos: escolar, saúde, familiar, gestacional e as áreas: motora, psicológica, linguística e sócioeconômico-cultural.

### **2.1.2 - ENTREVISTA COM O CLIENTE**

Geralmente é realizada de maneira aberta, cujos conteúdos serão definidos progressivamente de acordo com a situação de interação psicopedagogo e cliente, conforme ensina Bassedas (1996).

O objetivo da entrevista segundo a mesma autora, “é registrar a atitude do aluno diante do nosso interesse em estabelecer um vínculo com ele”. (BASSEDAS, 1996, p.87).

### **2.1.3 - ENTREVISTA COM O PROFESSOR**

É importante tentar extrair nesta entrevista, a relação do cliente com o professor e “o máximo de informações sobre a criança”. (BASSEDAS, 1996, p.47).

Nesta oportunidade é importante estabelecer uma boa interação com o professor, fixando compromissos entre as partes, no sentido de provocar a emergência de sua modalidade de ensinar e de aprender.

### **2.1.4 - ATIVIDADES LÚDICAS**

Atividade lúdica é todo e qualquer movimento que tem como objetivo produzir prazer no momento de sua execução. São brincadeiras ou jogos mais livres de regras ou normas. Essas atividades desenvolvem a imaginação, criatividade, capacidade motora e de raciocínio.

De acordo com Macedo, “a brincadeira é uma necessidade da criança; o jogo, uma de suas possibilidades à medida que nos tornamos mais velhos”. (MACEDO, 2007, p.15).

### **2.1.5 - PROVAS OPERATÓRIAS**

As provas operatórias não só identificam, mas também indica elementos que dão significado ao objeto: composição, finalidade, características. São utilizadas com palavras-chaves tais como: Explique, descreva, apresente características, dê o significado.

Nesses casos há um enunciado relativo ao objeto e uma solicitação de descrição ou demonstração. De acordo com Mac Donell(1979, p.4), as provas do diagnóstico operatório “São algumas das provas clássicas de experimentação em psicologia genética que tem servido para rastrear na criança as noções tais como: a noção de tempo, espaço, causalidade, número etc.

Que são objeto de estudo da Epistemologia (ou ciência do conhecimento, a crítica, estudo ou tratado do conhecimento da ciência, o estudo filosófico da origem, natureza e limites do conhecimento) que tem como desafio responder, “o que é”, “e como” alcançamos o conhecimento. Diante dessas provas pode-se chegar a um nível de construção que a criança faz e pode detectar o número de estrutura cognitiva e de pensamento que ela opera nas situações propostas.

### **2.1.6 - PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS**

As provas projetivas são instrumentos utilizados com a finalidade de proporcionar um meio concreto para que as crianças projetem conteúdos que estão presentes em seu inconsciente. A técnica projetiva, segundo Visca (1995) busca o tipo de vínculo que o sujeito estabelece não apenas com o professor mas também a relação com as pessoas fora da comunidade escolar.

A utilização das provas projetivas ajuda no levantamento de hipóteses que, unidas aos outros conjuntos de hipóteses formados ao longo do processo avaliativo, poderão esclarecer as dificuldades apresentadas pelo paciente. “Nos testes projetivos será analisado, não o produto final, mas também o processo, a maneira como aconteceu essa produção”. (ANDRADE, 1984, p.77).

Apesar do interesse do teste projetivo ser a identificação da dificuldade de aprendizagem, ele, se utiliza de diversos temas (Família, escola, figura humana...) pois, são vários os fatores que podem interferir na aprendizagem .T emos o dever de

analisar esse fator que pode ser de cunho emocional, sociocultural, financeiro, metodológico, cognitivo, psicomotor ou neurológico.

#### **2.1.6.1 - PAR EDUCATIVO**

Esta é uma técnica projetiva que tem por objetivo investigar o vínculo que a criança mantém com a aprendizagem.

Par educativo é um desenho feito pelo cliente, em que se pede para mostrar uma pessoa que ensina e uma pessoa que aprende. Depois, solicita-se que a criança relate o que está fazendo, seus nomes, idade e o título do seu desenho.

Essa atividade auxilia a descoberta entre o ensinante e o aprendente. Também se descobrem informações sobre a função da escola para o sujeito; sua relação afetiva com o professor; algumas transferências, quando existem etc. É possível interpretar relações ensinante-aprendente, o papel vivido na escola, com a turma, rejeições às situações escolares, ameaça da figura do professor etc. (WEISS, 1997, p.121).

A representação do ensinante como facilitador e intermediário, possui um valor positivo que implica gratificação e capacidade de reparação; opostamente sua caracterização como perseguidor punitivo denota sentimentos diametralmente opostos que implica uma perturbação para se conseguir verdadeiras aprendizagens, ou seja, aquelas que além de coincidir com a aquisição de conteúdos, leva a aprender a aprender. (VISCA, 1995)

O psicopedagogo deve estar atento observando à postura, a emotividade, a alteração, a indiferença, a motricidade, o ritmo, etc. “Durante a realização de qualquer desenho, é fundamental se observar o processo de produção. (WEISS, 1997, p.121).

#### **2.1.6.2 - FAMÍLIA EDUCATIVA**

De acordo com Visca(1995), a Família Educativa é uma adaptação da família cinética; possui uma consigna e forma de administração própria. Tem uma finalidade distinta, que consiste averiguar a representação que o entrevistado faz do

que os membros do grupo familiar sabem. E o modelo de aprendizagem que os mesmos possuem e transmitem. Focaliza os vínculos nos aspectos educativos oferecidos pela família como unidade funcional e em seus integrantes, já que cada sujeito estudado pode estabelecer um vínculo.

Esta técnica projetiva psicopedagógica, tem como objetivo: estudar o vínculo de aprendizagem com o do grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo.

### **2.1.6.3 - EU E MEUS COMPANHEIROS**

Para Visca(1995), o objetivo desta técnica projetiva é estudar o vínculo de aprendizagem com os alunos de classe.

Esta técnica se procede de tal forma: pedir ao entrevistado que o desenhe com seus colegas de classe. Terminado o desenho, solicitar que indique quem é cada um dos personagens, a idade e o nome de cada um. Solicitar que comente sobre os seus colegas.

### **2.1.7 - PROVAS PEDAGÓGICAS**

As provas pedagógicas são um instrumento de avaliação elaborado pelo próprio terapeuta, que propõe as atividades com base no nível de escolaridade em que o paciente se encontra que nos permite verificar o desempenho escolar do aluno. Observando diversos aspectos tais como: nível de compreensão de conteúdos, leitura, escrita, raciocínio matemático, interpretação, etc.

Segundo Visca (1987), a compreensão e análise do sujeito nos fornecem dados importantes para o diagnóstico e decorrem dos conhecimentos articulados a partir da psicologia social, psicanálise, e psicologia genética.

### **2.1.8 – HORA DO JOGO**

A hora do jogo é um valioso instrumento diagnóstico que permite observar as reações do aprendiz em relação às diversas possibilidades existentes no jogar. O jogar está relacionado com o fazer, com encarnar o conhecimento de acordo com os caracteres pessoais.

Não pode haver construção do saber se não se joga com conhecimento. Ao falar de jogo, não se faz referência ao ato, nem a um produto, mas a um processo.

De acordo com Fernández(1991), o brincar possibilita o desenvolvimento das significações de aprender. O que no adulto aparece no motivo de consulta, (a demanda, as fantasias de enfermidade e cura), principalmente na linguagem verbal, na criança expressa-se através da linguagem lúdica. Tanto uma linguagem como a outra, mostram e escondem, guardam e ocultam.

### **2.1.9 – OBSERVAÇÃO DOS MATERIAIS ESCOLARES**

Que informações se pode extrair do material escolar dos alunos? Há alguns aspectos importantes que devem ser observados:

- É fundamental olhar para o material da criança como um todo, do começo ao fim, folheando-o de forma cuidadosa para que se tenha uma idéia de sua completude antes de se realizar uma análise pontual;
- O ideal é pedir para que a própria criança "apresente" seu material, solicitando que vá "explicando" algumas situações - atividades repetitivas; atividades sem realização; "bilhetes" da professora; o que pensa, enfim, sobre o seu caderno/material escolar; atividades que se sente competente ao fazer, atividades completas/incompletas (motivos), de que gosta e de que não gosta. Este é um procedimento especialmente importante, uma vez que pode dar à criança/adolescente a oportunidade de justificar uma série de aspectos do seu material, desde situações vivenciadas na sala de aula, bem como seus pensamentos a respeito da escola e da professora, além da dinâmica familiar em momentos de realização de lições de casa.

### **2.1.10 - JOGO DE REGRA**

Essa modalidade de jogo é uma característica do ser suficientemente socializado, que pode, portanto, compreender uma vida de relações mais amplas representa as coordenações sociais, as normas que as pessoas se submetem para viver em sociedade e pode se constituir, de acordo com Freire(1994), em uma das formas mais avançadas de jogo, uma das que mais ocupa a criança desde a pré-escola.

As atividades que os jogos de regras proporcionam estimulam as operações de pensamento, colocando a criança diante de situações e desafios criativos que exigem que ela reflita e busque alternativas para solucionar a situação problema.

Segundo Piaget(1975), por meio do jogo a criança assimila o mundo para entender os seus desejos e fantasias. O jogo segue uma evolução que se inicia com exercícios funcionais, continua no desenvolvimento com os jogos simbólicos, evolui no sentido de jogos de construção para, se aproximar gradativamente dos jogos de regras que dão origem à lógica operatória.

Este tipo de jogo revela uma lógica própria da subjetividade tão necessária para a estruturação da personalidade humana quanto a lógica formal, advinda das estruturas cognitivas, visto desta forma,

Pode-se pensar então em aproveitar a situação de jogo na escola, desenvolvendo-se atividades que divertiriam os alunos, ao lado de permitirem trabalhar um conteúdo específico: além disso, seria possível se pensar em criar situações, ligadas a uma determinada disciplina, nas quais o sujeito se envolvesse em refletir e pensar como elaborar regras que digam respeito ao “jogo” desta disciplina. (ARANTES, 1997, p.101).

Concluiu-se que o jogo é importante para o processo ensino-aprendizagem. Para o autor, “é preciso especificar e ampliar a gama de atividades escolares sobre as quais o aluno possa agir e refletir, possibilitando que o processo de ensino-aprendizagem não seja centrado e pautado apenas pela fala do educador”. (RABIOGLIO, 1995, p.141).

### 3 - ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

#### 3.1 – ANAMNESE (Anexo 1)

A mãe de L.C, em seu relato registrado na Anamnese, nos informou que não apresentou nenhum problema durante a gestação e que sua gravidez foi muito bem recebida por ela e seu marido. Quanto à saúde, a mãe relatou que L.C tem miopia, mas não soube dizer quantos graus, sabe que passa dos 5°. Já fez eletroencefalograma, por causa da freqüente queixa de dores de cabeça mas não foi constatado nenhum problema.

A mãe ainda afirma que L.C inventa dores de cabeça para não ir às aulas. Foi informado que L.C apresenta dificuldades para tudo, em casa e na escola. E que a filha não gosta de ir à escola, não gosta de ler nem escrever. Perguntei se havia algum motivo para essa rejeição pela escola, esta disse que ela apenas não gostava de ir.

Quanto às características de ordem emocional e psicológica, ela relata que L.C é muito “dengosa”, dependente, chora com facilidade, é carinhosa, ciumenta, extremamente desorganizada, “preguiçosa” (palavras da mãe) e exige atenção o tempo todo. Não houve nenhum acontecimento trágico na família. Segundo ela, a família é muito unida e o pai de L.C é muito carinhoso com todos os filhos.

A mãe permanece em casa enquanto seu marido trabalha, ambos não possuem muita instrução, a mãe se queixa de não poder ajudar a filha com as tarefas escolares. Disse que só consegue escrever o próprio nome e que entende a razão de L.C não ir bem na escola. Perguntada sobre isto, ela respondeu: “ela não vai bem na escola, porque aprender é muito difícil, eu tentei aprender e desisti”.

Foi mencionado também durante a entrevista, que L.C não gosta de brincar na casa de ninguém, e que também não recebe em casa coleguinhas para brincar. A mãe disse que prefere que L.C brinque em casa. Ela, sempre brinca com a mesma boneca e anda de bicicleta que tem rodinhas. Segundo a mãe, as rodinhas evitam que ela se machuque no caso de cair.

Diante do relato da mãe, penso ser possível levantar a hipótese de que, a modalidade de aprendizagem de L.C é a modalidade

(hiperacomodativa/hipoassimilativa). Os movimentos de assimilação e acomodação do sujeito-autor dependem de sua história de vida construída desde seu nascimento.

Estes envolvem suas emoções, desejos, sonhos, ilusões, frustrações, angústias e alegrias sofridas ou gozadas pelo corpo. Neste âmbito seus movimentos de assimilação estão ligados: ao grau de permissão que tenha sido dado ao sujeito em sua infância e que lhe seja dado no presente para questionar sem sofrer, e para diferenciar-se sem perder o amor; às experiências prazerosas e dolorosas que seus pais tenham permitido e oferecido com relação a facilitar ou culpabilizar a pergunta, as escolhas e a diferença.

A presença de segredos ou desmentidas que desinvistam libidinalmente todo objeto a conhecer;

A convivência com ensinantes que podem mostrar e guardar, ou com aqueles outros que afastem por excesso. (FERNÁNDEZ, 1991, p.86).

### **3.2 - ENTREVISTA COM O CLIENTE (Anexo 2)**

No dia 07/06/10, aconteceu nosso encontro. Segundo a professora, L.C. estava me esperando ansiosamente. Passava toda a aula querendo saber quando eu viria e como eu era. Uma pergunta feita por ela e que me foi relatada depois pela professora, me chamou a atenção. Ela perguntou: “Essa tia que vem é brava? Vai brigar comigo?” Preocupações que L.C., no nosso primeiro encontro me relatou de forma muito espontânea. Perguntei a ela se sabia porque estávamos ali, ela respondeu que era porque ela não aprendia bem as coisas da escola. Tentei criar um espaço de confiança e percebi que ela já estava muito à vontade.

Iniciei a entrevista com perguntas sobre seu meio familiar. Ela falou de seus pais e irmãos, demonstra muito amor e uma relação de muita dependência de seus pais. Não soube responder o nome da escola em que estuda e nem o sobrenome de sua mãe, só o do pai. Também não sabe a idade dos pais e avós. Segundo L.C., sua mãe estabelece um horário para ela fazer tarefas, mas quem a ensina é a irmã mais velha, a mãe só consegue escrever seu próprio nome.

L.C. diz, com uma aparente tristeza, que quase não sai de casa e que na escola só tem uma amiga, que se chama Akila. Quando pergunto do que ela mais gosta de fazer ou menos gosta, ela se apressa em dizer que gosta de colorir e

justifica que acha mais fácil: “não gosto de continhas, e nem de ler, é muito difícil!” (percebo aqui que L.C. evita o pensar). Durante a entrevista, várias vezes ela se mostra dispersa, ou simplesmente, muda o rumo do assunto. Sempre falando muito, e percebe-se também um certo exagero nos elogios dirigidos a mim. Pareceram-me ser, esses elogios, um instrumento de proteção para ela mesma, uma tentativa de me desviar dos assuntos relacionados à escola. Temendo fazer algum comentário daquilo que ela não considera “digno de admiração” (sua dificuldade de aprendizagem). Ela tem uma necessidade muito grande de ser aceita, valorizada e não lida bem com a frustração. Percebi que, quando ela não entende uma pergunta, transfere o papel de entrevista para mim, começa a me fazer muitas perguntas, respondo algumas e volto ao foco da entrevista. Não percebi contradições no que foi dito.

Quanto ao desenvolvimento físico, L.C. não apresenta nenhum problema que possa dificultar o processo de aprendizagem. Quanto à fala pude observar que fala de um modo muito infantilizado, como se tivesse quatro anos de idade, abaixo das expectativas de uma criança de sete anos. Pode-se perceber através de seu relato que o medo de L.C. vai além do descrito na entrevista, não só tem medo do Bicho-Papão como do “mundo fora de sua realidade familiar”. Afinal, em sua casa ela está “protegida”, não tem que se esforçar tanto para conseguir o amor e o carinho de seus pais, seus erros não são supervalorizados. E o errar para L.C. não é visto como uma característica comum aos humanos, ela o vê como objeto de diminuição, isolamento e desprestígio. Atividades que possuem uma maior complexidade naturalmente, exigem um esforço intelectual maior e claro, isso também aumenta as chances de errar.

Em Ramain o erro “é uma situação singular... que não é enfocada sobre a pressão que, geralmente, a sociedade lhe dá. [...] Assim, o erro tem o mesmo peso que o acerto pois ele é a possibilidade de redescoberta de um novo caminho, oferece condições de reparação e desenvolvimento harmonioso na inter-relação do ato motor da inteligência e dos afetos”. (THIERS, 1994, p.61).

### **3.3 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA (Anexo 3)**

A professora me recebeu de forma simpática e respondeu todas as perguntas relacionadas à L.C.

Na visão da professora, L.C. é um pouco mimada, muito distraída, não tem interesse em quase nada relacionado à escola. É uma criança carinhosa, porém irrita-se com muita facilidade. Apresenta muita dificuldade na escrita, leitura e matemática. L.C. parece se sentir diminuída em relação à turma, mesmo não sendo a única da sala com problemas de aprendizagem. Ela, às vezes, não faz as tarefas e é difícil convencê-la a fazer. No caso de uma maior insistência, por parte da professora, para que faça os deveres, ela começa a chorar e se debruça na carteira. A professora ainda salienta a falta de organização que L.C. tem com o material escolar, e com o excesso de dependência durante a realização de atividades em sala de aula.

### **3.4 - ATIVIDADES LÚDICAS (Anexo 4)**

As atividades lúdicas observadas foram: colagem (anexo 5), dobradura (anexo 7) e jogo dos sete erros (anexo 6).

O primeiro contato que L.C. teve com as atividades de colagem e dobradura não demonstraram o mesmo nível de dificuldade para ambas. No que se refere à exploração e manipulação do material, L.C. se saiu melhor na colagem, que por sinal foi feita bem rapidamente. Já a dobradura, que oferece um grau de complexidade maior, deixou L.C. bastante irritada e por várias vezes, ela quase abandonou, sempre dizendo: “Vamos deixar essa pra depois, é muito difícil!”. Voltando à colagem, usei recortes que juntos formavam um cenário rural, mais necessariamente uma fazenda. L.C. não conhece fazenda, nunca esteve em uma.

As colagens e dobraduras possibilitam desenvolver a percepção visual, coordenação viso-motora; orientação espacial e orientação temporal.

Sob um novo olhar, Aschenbach(1990), estabelece uma nova forma de se trabalhar a dobradura na educação infantil, enfatizando que: o valor do trabalho junto às crianças está o manuseio do papel que elas picam, enrolam, dobram, desdobram,

amassam, rasgam, e colam, criando suas próprias representações internas e externas.

Também foram desenvolvidas por L.C. mais duas atividades lúdicas, o jogo dos sete erros e um quebra-cabeça que explorou o universo do conto de fadas. As peças formavam um cenário do mundo mágico da princesa.

O jogo dos sete erros tem por finalidade desenvolver a atenção aos detalhes visuais, Gardner descreve a inteligência espacial como a capacidade de perceber o mundo visual e espacial de forma precisa. É a habilidade para manipular formas ou objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, desenvolver o equilíbrio e composição numa representação visual ou espacial.

Durante o jogo dos sete erros, pude perceber que L.C. não foi capaz naquele momento de encontrar as diferenças, os erros, o que denotou uma dificuldade de percepção de detalhes visuais, que estavam expostos de maneira clara em um desenho relativamente simples e de tamanho grande. Optei por um desenho maior, pelo problema visual que L.C. possui (miopia). Em relação ao quebra-cabeça não percebi muita curiosidade por parte dela, mesmo sendo uma figura interessante, já que ela adora o mundo encantado das princesas. Fiquei surpresa, ela não conseguiu montar o quebra-cabeça e desistiu de fazê-lo.

Segundo Aguiar (1998), o jogo é visto como excelente recurso para generalização e domínio de conceitos, o que é possível através do uso de jogos que envolvem a psicomotricidade e são medidas pela linguagem oral, motora, objetos e figuras.

### **3.5 – PROVAS DE DIAGNÓSTICOS OPERATÓRIO (Anexo 10)**

As provas operatórias efetuadas por L.C. foram: provas de classificação, conservação e seriação. Nas provas de conservação: de pequenos conjuntos discretos de elementos; quantidade de líquido-transvazamento; quantidade de líquido-composição; Observei que L.C. não possui a noção da conservação de quantidade e de matéria.

Devido à oscilação nas respostas, a necessidade de recontagem das peças, a falta de justificativas em suas respostas e a ausência total de noção, nas provas de conservação, L.C. atingiu o nível 1, com exceção da prova de

conservação da matéria que ela está no nível 1, mas em transição para o 2 (porque nesta, ela já consegue perceber que há a mesma quantidade de massa no momento que refiz as bolas). Demonstrou condutas próprias do pensamento intuitivo global.

Quanto às provas de classificação: L.C. não estabelece relação de inclusão, não respondendo com acerto questões relacionadas com a intersecção deteve-se mais à quantidade, formas e cores das fichas. O que chamou a atenção foi o fato de na prova de intersecção de classe, ela não ter percebido círculos grandes, e sim, a figura intermediária e a figura do lado direito. Não percebeu os três círculos. L.C. usou os dedinhos para a contagem das fichas, fazendo uma contagem concreta, utilizando-se de um nível de pensamento intuitivo global.

Quanto à prova de seriação: não demonstrou uma boa percepção visual, teve dificuldades na disposição dos palitos relacionados à ordem crescente. Colocou palitos maiores e menores não diferenciando a relação de diferença dos tamanhos. Utilizou-se nessa prova de um pensamento simbólico, mas condizente com crianças de uma faixa etária menor (4/5 anos), podendo se classificar no nível 1, pelo fracasso percebido na seriação.

### **3.6 – PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS**

#### **3.6.1 – PAR EDUCATIVO (Anexo 11)**

A partir da observação do par educativo é possível dizer que quanto a área gráfica, notou-se a presença do objeto de conhecimento mas não houve a explicitação de conteúdo no (quadro negro) o que permite dizer que não houve um vínculo positivo com o conhecimento. A cena não demonstra produtividade, ela desenhou apenas uma cabeça, segundo ela, é a cabeça da Akila, sua colega de sala, por quem ela nutre profunda admiração e sempre enfatiza sua inteligência, demonstrando uma valorização do intelecto, fator esse positivo na aquisição de conhecimento.

Quanto à distância dos personagens, L.C. está longe do objeto de conhecimento, demonstrando falta de vínculo com a aprendizagem. Quanto à posição dos personagens, ela se encontra de costas para a professora, o que demonstra uma desvalorização pelo aprender. Quanto ao tamanho do desenho, foi

feito em tamanho pequeno. Houve correspondência entre a apresentação gráfica e verbal. De acordo com as observações pode-se dizer que o vínculo de aprendizagem apresentado por L.C. é negativo.

### **3.6.2 – FAMÍLIA EDUCATIVA (Anexo 12)**

Na observação da técnica projetiva Família Educativa, L.C. não relatou graficamente cenas que mostrem as habilidades de cada membro de sua família. Ela se utilizou de uma verbalização pobre. Objetos de conhecimento não apareceram. Os tamanhos dos personagens não estão compatíveis com as suas respectivas idades.

Os membros da família aparecem de mãos dadas, o que sugere uma afetividade e integração familiar. Nenhum personagem aparece realizando alguma atividade, o que denota uma falta de trocas de experiência. Não há circulação no âmbito familiar. As funções desempenhadas por cada um apareceram apenas no relato de L.C. Segundo ela, o pai lava à igreja e a mãe desempenha tarefas domésticas.

Percebe-se que as atividades desenvolvidas pelos pais de L.C. não despertam sua curiosidade e interesse. Ela deixa perceber também em seu relato a falta de dinamismo existente em seu meio familiar.

Para Fernández(1991), “O olhar que se pode ter através da família, entre o que se percebe e o que se mostra, indica uma influência em três níveis, o individual, o vincular e o dinâmico.”

### **3.6.3 – EU E MEUS COMPANHEIROS (Anexo 13)**

Na técnica projetiva psicopedagógica foi feita a observação dos indicadores: detalhes do desenho, título e conteúdo do relato. E serão descritos nesta mesma ordem.

Quanto aos detalhes do desenho L.C. produziu um desenho relativamente pequeno, não se observou uma diferença significativa nos tamanhos dos mesmos.

Ela se desenhou segurando a mão de uma amiga, demonstrando uma preferência maior e uma amizade que de fato existe entre elas. Não consegue escrever os nomes e idades dos cinco personagens que ela desenhou, demonstrando uma falta de vínculo com os colegas.

Não tem muita simpatia por dois colegas, ambos com o mesmo nome (Erick). Isso também se fez evidente já que os dois foram posicionados mantendo uma distância considerável. Todas as figuras apresentam uma completude, L.C. se mostra longe do objeto de ensino o que demonstra um vínculo negativo com a aprendizagem.

Ela se desenhou de costas para a professora e quadro negro. O desenho pequeno também faz pensar que L.C. não estabelece um vínculo positivo de aprendizagem. Quanto ao título e relato, pode-se perceber que L.C. não possui uma integração no grupo. Nos desenhos apresentados por ela aparecem os dois garotos dos quais ela afirma não gostar e apenas a Akila, a quem ela admira e considera a mais inteligente da sala. Os demais companheiros de classe não aparecem, distanciando-se um pouco do título eu e meus companheiros, não havendo integração no grupo.

Os comentários sobre os companheiros não foram extensos, apenas verbalizou durante a elaboração do desenho que Akila a ajuda a colar suas figurinhas no álbum da Barbie. A fala de L.C. durante a execução da técnica projetiva, demonstra falta de circulação de conhecimento entre seus colegas de sala. Pode-se afirmar que o vínculo com a aprendizagem é negativo.

### **3.7 – PROVAS PEDAGÓGICAS (Anexo 15)**

#### **3.7.1 – PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Com os instrumentos diagnósticos “provas pedagógicas de português”, se verificou, que L.C. possui escrita incompreensível; má orientação espacial no papel; só reconhece as vogais; existe o predomínio de omissão e inversão de letras; confunde letras parecidas como o “p” e o “b”, não se percebe vinculação entre L.C. e o objeto de conhecimento. Às vezes usa rabiscos pensando se tratar de letras, não

estabelece relação entre fonema e grafema. Demonstra aversão à escrita e não percebe a função social da língua. A hipótese de escrita de L.C. é a pré-silábica.

De acordo com Emilia Ferreiro, na escrita pré-silábica o alfabetizando não compreende a natureza do nosso sistema alfabético, no qual a grafia representa sons, e não idéias, como nos sistemas ideográficos (por exemplo, a escrita chinesa).

### **3.7.2 – PROVA DE MATEMÁTICA**

Quanto à prova de matemática, pode-se observar que na contagem espontânea L.C. só consegue contar até dez. Apresenta dificuldades em diferenciar antecessor e sucessor, não conhece figuras geométricas, apenas o círculo, chama quadrado de quadrângulo, faz confusão entre os sinais de adição e subtração. Não foi observada nenhuma dificuldade em relação à percepção visual no momento da contagem dos ovinhos contidos nos ninhos. Não conseguiu resolver os probleminhas solicitados. Faz inversão dos números 6 e 9 e não possui um raciocínio lógico compatível com a sua idade.

Segundo Kamii(1991, p.25) as pessoas que acreditam que os conceitos numéricos devem ser ensinados através da transmissão social falham por não fazer a distinção fundamental entre o conhecimento social e lógico-matemático. Por exemplo,  $2+3$  dá o mesmo resultado em todas as culturas.

### **3.8 - HORA DO JOGO (Anexo 18)**

Foi possível durante a observação a hora do jogo, que embora houvesse inúmeras possibilidades de ação, não foram exploradas, originando assim um esquema operacional bastante limitado que se resume em repetição, imitação, e na maioria das vezes, uma observação pouco significativa. Como no caso do quebra-cabeça: ela precisou olhar por muito tempo para “copiar” e ainda assim não foi possível montar mais que quatro peças das trinta existentes.

Uma grande parte dos objetos contidos na caixa não foram sequer tocados, alguns foram apenas superficialmente manuseados e pouquíssimos foram usados em alguma atividade, sempre de forma repetitiva e mecânica. L.C. também

apresentou um grau bastante acentuado de distraibilidade, uma facilidade para de desviar da brincadeira devido aos estímulos externos. Uma certa frustração também se fez notar. Talvez fosse pela dificuldade de se organizar, ou mesmo por não conseguir elaborar ou concretizar nenhuma de suas ideias que pareciam não querer fluir.

L.C. possui um inventário muito empobrecido e uma falta de criatividade evidenciada desde seu primeiro contato com a caixa.

Todas as tentativas de conclusão das atividades se frustraram. Não seguiu as etapas de início, meio e fim. Não houve apropriação em nenhum momento. O abandono de todas as brincadeiras também me surpreendeu. Possui uma mobilidade, sempre procurando uma postura que lhe fosse mais confortável e que proporcionasse mais liberdade de movimentação. Possui uma clara inibição cognitiva (pensamento intuitivo).

A modalidade de aprendizagem utilizada por L.C. é a hiperacomodação/hipoassimilação, por causa da pobreza de contato com os objetos, pelo déficit lúdico e principalmente pela falta de criatividade. L.C. prefere copiar, repetir, ao invés de construir algo novo. Isso ficou claro no momento em que ela preferiu colorir um desenho já pronto em vez de desenhar algo de sua própria autoria, mesmo dispondo de todos os materiais necessários para isso.

De acordo com Fernández(1991), podemos descrever a hipoassimilação como uma pobreza de contato com o objeto que redundam em esquemas de ação empobrecidos, déficit lúdico e criativo.

### **3.9 – OBSERVAÇÃO DOS MATERIAIS ESCOLARES (Anexo 19)**

Na observação do material escolar pode-se perceber que L.C. não demonstra vínculo positivo com os objetos de conhecimento. Ela tem um desinteresse muito evidente pelo material escolar. Embora as atividades de ditado, cópia, treino ortográfico e de leitura sejam bem aplicadas e com prévia explicação, L.C. parece não entender o que se pede. Não conclui as atividades, às vezes conclui apenas as atividades de colagens.

Não possui organização com seu material, a mochila está sempre cheia de embalagens vazias de bolacha, pirulito, chiclete e até folhas de árvores. Não

obedece limites da folha e de margens, escreve fora das linhas com uma escrita exibindo tamanhos desiguais, desconexa e totalmente ilegíveis. Quase não se percebe que se trata de letras; nem mesmo a cópia ela consegue executar de forma satisfatória.

Percebe-se dificuldade na prática de todas as atividades desenvolvidas em sala. Há presença de poucos bilhetes escritos pela professora nos cadernos de L.C. e os mesmos, não apresentam um padrão repreensivo. As tarefas são corrigidas sempre em tempo hábil sem assinalar muito os erros cometidos pela criança.

A professora não expressa autoritarismo e se mostra carinhosa no momento das correções. Foi possível perceber uma dependência muito grande da aluna em relação à professora. L.C. não possui autonomia e só faz as tarefas depois de muita insistência da professora, depois de muitas tentativas e desistindo, sem completá-las.

### **3.10 – JOGO DE REGRAS**

Os jogos de regras utilizados foram pega-varetas e dominó. Com os jogos de dominó e pega-varetas, é possível trabalhar várias habilidades como noção de soma, subtração, multiplicação e divisão. Cores; abstração reflexiva favorece o convívio e aceitação de regras, relações e construções espaciais; e coordenação motora fina.

Durante os jogos, L.C demonstrou mais interesse pelo o jogo de pega-varetas. Reconheceu as cores, cumpriu as regras, mas não conseguiu fazer a soma dos pontos.

No jogo de dominó, ela não aparentou entusiasmo, pouco depois de começarmos o jogo, ela já se mostrava dispersa e afirmava: “esse jogo é chato, vamos brincar de outra coisa”.

## 4 – HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

A partir do estudo do instrumento de investigação (anamnese), conclui-se que L.C apresenta problema de aprendizagem sintoma.

E a modalidade de aprendizagem apresentada por ela, é hiperacomodação/hipoassimilação, uma modalidade patológica.

Sara Paín(1985), estuda os sintomas de aprendizagem, como decorrentes dos extremos nos processos assimilativos e acomodativos denominados: hipoassimilação/hiperacomodação e hiperassimilação/hipoacomodação.

No caso da hiperacomodação e hipoassimilação, o sujeito–autor se encontra impedido pela força do objeto a conhecer e tende a imitar. Os esquemas de objetos permanecem empobrecidos como também a capacidade de coordená-los. Redundando em déficit lúdico e na disfunção do papel antecipatório da imaginação criadora.

O problema de aprendizagem que constitui um “sintoma” ou uma “inibição” toma forma em um indivíduo, afetando a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente.

Para entender seu significado, deveremos descobrir a funcionalidade do sintoma dentro da estrutura familiar e aproximar-nos da história individual do sujeito e da observação de tais níveis operando.

Para procurar a remissão desta problemática, deve se apelar a um tratamento psicopedagógico clínico que busque libertar a inteligência e mobilizar a circulação patológica do conhecimento em seu grupo familiar. A modalidade de aprendizagem do sujeito pode ser a mesma apresentada por sua família.

PIAGET(1996), quando expõe as idéias da assimilação e da acomodação, no entanto, deixa claro que da mesma forma como não há assimilação sem acomodações (anteriores ou atuais), também não existem acomodações sem assimilação. Esta declaração de Piaget, significa que o meio não provoca simplesmente o registro de impressões ou a formação de cópias, mas desencadeia ajustamentos ativos.

Através da anamnese, foi possível constatar que L.C. não recebe no seu âmbito familiar a motivação necessária para o aprender. O aprender é tido como

algo que é tão difícil, tão “penoso, que deve ser evitado”. A dificuldade se torna impossibilidade, e realça a modalidade aprendizagem patológica que se nota também no momento da hora do jogo, em que a falta de criatividade, o inventário empobrecido, a pouca manipulação dos objetos, a falta de interesse na exploração das possibilidades. L.C. parece ter entendido como verdade absoluta uma afirmação que parte de sua mãe, a desestimuladora frase: “Ela não aprende não!”.

Há uma transferência negativa neste sentido, fazendo com que L.C. absorva esta mensagem e se distancie do aprender, que oferece sim, dificuldades, mas também mostra um mundo de possibilidades que não estão sendo oportunizadas à L.C.

A autora Bock(1990), destaca que a motivação continua sendo um complexo tema para psicologia e, particularmente para as teorias de aprendizagem e ensino. A motivação é portanto “o processo que mobiliza o organismo para ação: é o que leva o sujeito a agir, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação”.

Nas provas projetivas Psicopedagógicas Par Educativo, Família Educativa, e Eu e Meus Companheiros, foi possível identificar que L.C. apresenta dificuldade de integração social, desvalorização pelo objeto de aprendizagem, não tem no seu núcleo familiar a troca de experiências e conhecimento e desenvolve um vínculo negativo com a aprendizagem.

Quanto às provas operatórias pode-se dizer que L.C. está no nível 1 em transição para nível 2. Nas provas de conservação da matéria e nas demais provas de classificação, ela está no nível 1.

Não estabelece relação de inclusão e intersecção. Faz uso dos dedos na contagem concreta utilizando um nível de pensamento intuitivo global. Encontra-se no nível um.

Seriação:

Também apresentou nível 1 nas respostas. Demonstrando fracasso na seriação, utilizou-se de um pensamento simbólico, condizente com crianças de uma faixa etária menor. (4/5 anos)

Nas atividades Lúdicas: houve maior interesse e facilidade na atividade de colagem; Demonstrou muita irritabilidade no momento de fazer a dobradura, depois

de muita insistência ela conseguiu terminar, sempre reclamando da atividade, dizendo que estava difícil.

Nos jogos de Regra: dominó e pega varetas, não houve desobediência às regras. L.C. foi rápida no jogo de pega-varetas e apresentou dificuldades na hora da soma dos pontos.

Quanto ao jogo de dominó, não foi capaz de elaborar jogadas, não conseguiu contar as bolinhas das pedras, aparentou desinteresse, e em seguida o abandonou o jogo.

Nas provas pedagógicas, observou-se que existe um problema bem evidente quanto à escrita, não há identificação do alfabeto e reconhece apenas as vogais. Não consegue representar nenhuma letra graficamente, tem dificuldade de estabelecer relações de continuidade temática, escrever palavras e desenvolver frases.

Também se percebe problema em relação à leitura e compreensão textual. Mesmo quando se lê para ela, não consegue tirar as idéias principais do texto, não estabelece relação do título com o texto.

L.C. também não consegue reconhecer palavras como unidade gráfica e não percebe a função social da língua. Faz cópias de maneira incorreta, sempre existe a predominância de inversão e omissão de letras, L.C. apresenta um nível de escrita pré-silábico.

Quanto à prova de matemática: se percebe muita dificuldade na adição e subtração. Não interpreta e nem produz escrita numérica, não reconhece antecessor e sucessor, não identifica medidas de tempo, não faz contagem de números além do número 10. Tem muita dificuldade em resolver problemas.

Em relação a todas as outras atividades que exijam raciocínio lógico, é percebida falta de iniciativa para as resoluções. (Ela só consegue contar até dez na contagem espontânea), se ajudada, consegue contar até vinte.

Confunde os números no momento da leitura, e troca números parecidos como, 6 e o 9. L.C sempre afirma que não vai fazer as atividades de matemática, porque não sabe fazer certo, e que vai errar. Diante do medo de errar, ela prefere não fazer.

## 5 – SUGESTÕES

A partir dos resultados obtidos através dos instrumentos diagnósticos, sugere-se que: seja oportunizado à L.C o contato com livros e gibis que possam despertar seu interesse pela leitura. Possibilitando a ela uma boa verbalização e compreensão textual. Seria válido que se buscasse apoio pedagógico na escola, verificando se há disponibilidade de aulas de reforço, que auxiliaria na questão das dificuldades com a matemática e língua portuguesa.

Sugere-se que o professor adapte sua linguagem utilizada em sala de aula, pois pode haver diferenças de cultura entre professor e aluna, e isso, pode causar conflitos e dificuldades de comunicação, e conseqüentemente problema na aprendizagem.

Quanto ao âmbito familiar, recomendo que a família desenvolva um espaço criativo e propício ao desenvolvimento. Valorizando o saber, facilitando a circulação de conhecimento.

Aconselho aos pais de L.C. que a inclua sempre que possível nas atividades desenvolvidas pela família, e que frases como: “Você não aprende”, “Você não é capaz”, desapareçam do cotidiano familiar. Se possível, também seria importante, que os membros desta família estivessem presentes em relação à execução das atividades escolares passadas para serem feitas em casa. A mãe, que está presente durante todo o dia em casa, deve examinar a tarefa e pedir que ela conclua o que foi pedido.

Também recomendo uma visita ao fonoaudiólogo por conta dos problemas de trocas de fonemas e fala infantilizada. Uma estimulação do convívio com crianças de sua idade, e com outras pessoas fora de seu meio familiar também deveria ser considerado, já que destas relações extra-familiares pode se extrair muitas experiências que ajudam no processo de aquisição de conhecimento.

Sugiro uma visita ao psicólogo, e ao psicopedagogo, que trabalharão na tentativa de se resgatar a auto-estima e a confiança que se percebe ausentes em L.C.

Para Vygotsky(1993), todos os seres humanos são capazes de aprender mas e necessário que adaptemos nossa forma de ensinar.

## 6. CONCLUSÃO

Após o estágio e os estudos sobre a queixa: dificuldade de aprendizagem foi possível, considerar que o vínculo estabelecido entre a figura de quem ensina, seja a professora, a família, ou o colega de classe e de quem aprende, é extremamente importante na aquisição da aprendizagem.

Conclui-se que o conhecimento é adquirido desde as primeiras relações com o aprender e, perceber a importância que emerge da significação do sujeito é essencial para que ocorra a aprendizagem, e para que o sintoma problema não se instale.

Percebeu-se com este trabalho, que a motivação para o aprender deve ser desenvolvida já nas primeiras experiências com a aprendizagem, no âmbito familiar e posteriormente, escolar.

Ficou evidente também, a importância da atuação psicopedagógica objetivando o resgate pelo desejo do “pensar”, de ser e aprender. A contribuição do profissional envolvido não se dirige ao sintoma especificamente, mas sim à possibilidade de mobilizar, de modificar a modalidade de aprendizagem, a fim de minorar os fatores que constroem o sintoma.

Constatou-se que o olhar, a escuta, e um querer mudar, não é um trabalho que pode ser desenvolvido apenas pelo psicopedagogo, e sim, por todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

Evidenciou-se, que uma mediação adequada pode contribuir para que o aprendiz consiga refletir sobre sua ação, e possa, portanto, modificá-la. E ao terapeuta é dada a responsabilidade de mediar e intervir nesse processo.

Ressaltou-se a necessidade de não supervalorizar o erro, e entender o aprendiz, como ser capaz de modificar sua própria história. Também foi possível constatar que o ser humano, é surpreendentemente abundante em possibilidades, e que o “errar”, não pode ser tido como obstáculos que impeçam o indivíduo de se desenvolver.

“através da aprendizagem, o sujeito é inserido de forma mais organizada no mundo cultural, e simbólico, que o incorpora à sociedade”. (Nádia Bossa, 1994. p 64).

## 7 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, J. S. **Jogos para o ensino de conceitos:** leitura e escrita na pré-escola. Campinas: Papyrus, 1998.

AJURIAGUERRA, J. **Manual de psiquiatria infantil.** Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1998 [Tradução de Paulo C.Geraldes e Sônia R.P.A.]

ANDRADE, Maria Lúcia de A. **Temas básicos de psicologia –** Distúrbios psicomotores. São Paulo: E.P.U., 1984.

ARANTES, C.F. Reflexões sobre o jogo a partir de obras de Jean Piaget. São Paulo: PUC, 1997 [Dissertação de mestrado].

ARZENO, M. E. G. Psicodiagnostico Clinico. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

ASCHENBACH, M. H. C. V.(1990) A arte-magia das dobraduras. São Paulo: Scipione.

BASSEDAS, Eulália. Intervenção educativa e diagnostico psicopedagogico. 3ª ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

BOCK, Ana M. Bahia(org). Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOSSA, Nádía. **A psicopedagogia no Brasil:** Contribuições a partir da prática. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

CUNHA, Sueli de Paula. Diagnóstico Psicopedagógico da instituição educativa. **Revista Psicopedagogia**, Goiânia, ano III, set/out., 1997

FERNÁNDEZ Alicia. **A inteligência aprisionada.** 2.ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, E.&TEBEROSKI, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre:Artes Médicas,1991 [tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco Corso]

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os idiomas do aprendente: Análise das modalidades de ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre, ArtMed, 2001.

KAMII, C. & DEVRIES R. **Jogos em grupo na educação infantil**: implicações da teórica de Piaget. São Paulo: Trajetória cultural, 1991 [Tradução de marina Célia Dias]

MAC DONELL, Juan José Conte. **Provas de Diagnóstico Operatório**. Centro de Material Educativo, Buenos Aires: 1979

MACEDO, L. ET al. **Quatro cores, senha e dominó**: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MÜLLER, Marina. **Aprender para ser**. 2.ed. Buenos Aires, 1987.

PAÍN, SARA. **Diagnostico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_, **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

\_\_\_\_\_, **A formação social do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RABIOGLIO, MB. **Jogar: Um jeito de aprender – Análises do pega-varetas e da relação jogo-escola**. São Paulo: USP, 1995 [Dissertação de mestrado].

RUBINSTEIN, Edith. **Psicopedagoga, uma prática, diferentes estilos**. Casa do psicólogo. São Paulo, 1999.

THIERS, Solange, **Sócio-psicomotricidade** RAMAIN–Thiers. São Paulo, casa do psicólogo, 1994.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica – epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas. (1987).

\_\_\_\_\_, Técnicas projetivas psicopedagógicas. 2. ed. Buenos Aires. AG. Serviços gráficos, 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEISS, M. L. L. Psicologia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_, Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

## 8. ANEXOS